



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

CLÁUDIA FABIANA ARRUDA OLIVEIRA

**IDENTIDADE E CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM JACOBINA/BA:
A INFLUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO QUILOMBO ERÊ NO BAIRRO DA
BANANEIRA**

JACOBINA-BA
2013

CLÁUDIA FABIANA ARRUDA OLIVEIRA

**IDENTIDADE E CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM JACOBINA/BA:
A INFLUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO QUILOMBO ERÉ NO BAIRRO DA
BANANEIRA**

Monografia, apresentada ao Curso de Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito para obtenção do título de licenciatura em Geografia.

JACOBINA-BA
2013

CLÁUDIA FABIANA ARRUDA OLIVEIRA

**IDENTIDADE E CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM JACOBINA/BA:
A INFLUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO QUILOMBO ERÊ NO BAIRRO DA
BANANEIRA**

Monografia, apresentada ao Curso de Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito para obtenção do título de licenciatura em Geografia

AVALIADO POR:

Esp. Miriam Geonisse de Miranda Guerra
1^{o(a)} EXAMINADOR(A)

Esp. Gislene Maria Mota dos Santos
2^{o(a)} EXAMINADOR(A)

Ma. Ivaneide Silva dos Santos
Orientadora

DATA ____/____/____

NOTA _____

JACOBINA – BA
2013

DEDICATÓRIA

“EU te amarei do coração, Ó Senhor, fortaleza minha [...] O Senhor é o meu rochedo, e o meu lugar forte, e o meu libertador; o meu Deus a minha fortaleza, em quem confio; o meu escudo, a força da minha salvação, e o meu alto refúgio” (Sal. 18.1-2).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ser meu Senhor, minha fortaleza, meu socorro bem presente em todos os momentos da minha vida. Sem o Senhor nada posso fazer. Ele é a minha razão de existir.

Aos meus pais, Maria Socorro e Missias Souza, por terem inculcido em mim a importância da formação intelectual e pelo amor, carinho, atenção a mim dedicados.

A todos os meus amigos, principalmente Danilo Modesto e Thaise Cassiano, que dispensaram palavras de ânimo, força para continuar a caminhada, e se alegraram com minha vitória. A vocês, meu carinho e gratidão sempre.

Aos colegas da turma 2009.1, na qual, ao decorrer do curso compartilhamos vários momentos de alegria e desafios.

A minha orientadora Ivaneide Silva dos Santos, pelos ensinamentos, atenção, dedicação e paciência que teve comigo. Também a todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica, em especial meus queridíssimos Fábio Nunes, Matheus Silva e Joseane Aragão, fontes de inspiração.

A Associação Afro-brasileira Quilombo Êre - pela contribuição prestada a esta pesquisa.

A todas as pessoas que participaram, contribuindo para a realização deste trabalho, direta ou indiretamente, meu agradecimento.

RESUMO

Partindo do conhecimento de que o Brasil é um país onde ocorreu um encontro de diversas culturas, as quais trouxeram consigo muitas contribuições étnicas que serviram de influência para a construção da cultura e identidade do povo brasileiro, este trabalho discute a concepção de cultura e identidade no viés geográfico, a partir da Geografia Cultural. Trata-se de um estudo de caso, que enfatiza a construção da identidade afro-brasileira, suas ramificações e influência transmitida pela Associação Afro-brasileira Quilombo Erê, no bairro da Bananeira da cidade de Jacobina-BA. O estudo fundamentou-se em aspectos teóricos sobre as questões de identidade e cultura afro-brasileira, sendo utilizada a metodologia na forma de abordagem qualitativa, a fim de enfocar as relações sociais no âmbito cultural e interpretar a perspectiva dos participantes. Foi adotada a técnica de observação direta, que visa conhecer como são aplicadas as atividades socioculturais da Associação, a disseminação e preservação da cultura e identidade afro-brasileira. Também foram realizadas entrevistas orais com o presidente da Associação, o coordenador e dois associados, bem como entrevistas semiestruturadas com alguns moradores do referente bairro. Além disso, foi utilizada revisão bibliográfica e documental sobre o tema, baseada em livros, teses, artigos, internet, dentre outros. Buscou no trabalho considerar os maiores conflitos, desafios e conquistas vivenciadas pela Associação, suas manifestações culturais e perceber quais os principais elementos utilizados para revelar a identidade afro-brasileira. Portanto, espera-se que este trabalho contribua de forma significativa para futuros pesquisadores e a comunidade Jacobinense reconheça aquele espaço como ponto necessário para o impacto e preservação da identidade afro-brasileira.

Palavras chave: Identidade, Cultura, Quilombo, Geografia Cultural.

ABSTRACT

Based on the knowledge that Brazil is a country where there was a meeting of different cultures, which have brought many contributions that served ethnic influence to build the culture and identity of the Brazilian people, this paper discusses the concept of culture and identity in geographical bias, from the Cultural Geography. This is a case study that emphasizes the construction of african-Brazilian identity, its ramifications and influence transmitted by the Association Afro-Brazilian Quilombo Ere, in the neighborhood of the Banana Jacobina, Bahia. The study was based on the theoretical aspects of the issues of identity and african-Brazilian culture, using the methodology in the form of a qualitative approach in order to focus on the social relations in the cultural and interpret the perspective of the participants. We adopted the technique of direct observation, which aims to know how they are applied sociocultural activities of the Association, dissemination and preservation of culture and identity african-Brazilian. Were also conducted oral interviews with the President of the Association, the coordinator and two associates, as well as semi-structured interviews with some of the residents concerning neighborhood. In addition, we used literature review and documentary on the subject, based on books, theses, articles, internet, among others. Sought work consider the greatest conflicts, challenges and triumphs experienced by the Association, its cultural and realize what the main elements used to reveal the identity african-Brazilian. Therefore, it is expected that this work will contribute significantly to future researchers and community Jacobinense recognize that space as needed point for impact and identity preservation african-Brazilian.

Keywords: Identity, Culture, Quilombo Cultural Geography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 A GEOGRAFIA CULTURAL E AS CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE E CULTURA	15
1.1 Quilombo: território de identidade afro brasileira	20
2 CULTURA E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS AFRO BRASILEIRAS	26
2.1 Considerações sobre algumas manifestações culturais Afro-brasileiras....	29
3 DISSEMINAÇÃO DA IDENTIDADE AFRO BRASILEIRA PELA ASSOCIAÇÃO QUILOMBO ERÊ NO BAIRRO DA BANANEIRA EM JACOBINA-BA	34
3.1 Um pouco da história da Associação Afro Brasileira Quilombo Erê	34
3.1.1 Ações do Quilombo Erê: objetivos e desafios.....	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
5 REFERÊNCIAS.....	48
6 ANEXOS.....	50

INTRODUÇÃO

Identidade e cultura, identidade afro-brasileira, território e quilombo são temas que tem sido palco de inúmeras pesquisas e investigações dos geógrafos brasileiros, favorecendo a ampliação do cenário de discussões a respeito das categorias de análises geográficas.

Desta forma, este trabalho almeja apresentar uma discussão sobre o conceito de identidade e cultura, que estão intrínsecas no seio social, tendo a identidade como fator de aglutinação e mobilização para a ação coletiva, somado aos aspectos culturais vivenciados em cada lugar.

Partindo do pressuposto de que a cultura é entendida como um conjunto de códigos de comunicação que permite melhor compreensão entre aqueles que pertencem a ela, ou seja, são os sentidos compartilhados, os símbolos, os desenhos, a arte de pensar, escrever, os sons, as danças, as músicas, dentre tantas outras coisas que são realizadas, criadas pelos grupos que formam uma determinada cultura, esta pode refletir ou contribuir para a construção da identidade de um povo.

Desta forma, através de uma análise geográfica referente à cultura e identidade afro-brasileira, este texto pretende possibilitar a discussão e relevância da construção da identidade afro-brasileira pela Associação Quilombo Erê no bairro da Bananeira, na cidade de Jacobina/BA, atentando-se principalmente para as manifestações culturais e trabalhos sociais que fortalecem o desenvolvimento e preservação da identidade e cultura afro-brasileira. Abrangendo também, os principais conflitos, objetivos, desafios e conquistas, o que a comunidade do bairro resgatou e o que preservam da sua ancestralidade, revelando o processo de reafirmação da identidade quilombola no espaço urbano.

Sabemos que é de pouco destaque na cidade de Jacobina/BA discussões relacionadas a afro brasilidade, porém, a Associação Afro Brasileira Quilombo Erê, se utilizou do referencial identitário dos Quilombos, para criar um espaço de refúgio cultural e social no bairro da Bananeira. Entretanto, o

que motivou a pesquisar esta temática, foi a necessidade de saber se as atividades da referida Associação realmente conseguem alcançar a maioria dos indivíduos deste bairro, e quanto o reconhecimento da identidade negra é importante para esta comunidade. O que merece grande destaque, é que esta associação não é remanescente quilombola, apenas baseou-se na essência dos quilombos brasileiros, para a disseminação desta identidade em cada morador do referido bairro.

Diante do exposto, faz-se necessário o estudo da contribuição da Associação Afro-Brasileira Quilombo Erê, pois é imprescindível que a comunidade Jacobinense conheça e perceba a importância de possuir em sua cidade uma Associação que luta pela disseminação e preservação da cultura e identidade Afro Brasileira, uma vez que neste espaço são realizadas diversas atividades socioculturais, que contam com a participação da comunidade local, estando disponível também para todas as pessoas do município que por ventura precisarem fazer uso dele para finalidades afins.

Este estudo teve como objetivo entender de que forma se procedem essas atividades e qual é realmente seu campo de impactação na comunidade do bairro citado e até mesmo no município de Jacobina/BA. Vale salientar que este estudo visa não apenas conhecer a Associação Quilombo Erê e suas atividades, mas também mostrar a importância da existência de instituições preocupadas com o reconhecimento e preservação da identidade Afro Brasileira.

Portanto, esta pesquisa se propôs analisar as formas de atuação da Associação Quilombo Erê, no bairro da Bananeira na cidade de Jacobina/BA, identificar a prática educativa existente nas atividades ali desenvolvidas, perceber as ações socioculturais executadas pela Associação no referente bairro, identificar atividades de interesse cultural, educacional e técnico, perceber as dificuldades e apoios recebidos para a continuidade de suas atividades, bem como enfatizar sua importância para a comunidade Jacobinense.

A metodologia que foi aplicada no desenvolvimento desta pesquisa foi utilizada na forma de abordagem qualitativa, na qual a pesquisadora buscou

aprofundar-se na compreensão das ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente e contexto social, interpretando-os segundo a perspectiva dos participantes da situação enfocada, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações, estatísticas e relações lineares de causa e efeito. Assim sendo, a interpretação, como principal instrumento de investigação e a necessidade da pesquisadora de estar em contato direto e prolongado com o campo, para captar os significados dos comportamentos observados, revelam-se como características da pesquisa qualitativa. (ALVES, 1991; GOLDENBERG, 1999).

Optou-se por trabalhar com o método hipotético-dedutivo, uma das formas mais clássicas e importantes do método científico. De maneira simplista, o método hipotético-dedutivo aparece como uma variante intuitiva do método científico em que o cientista formula hipóteses para determinado problema e as verifica continuamente objetivando definir sua validade na explicação de tal problema.

Portanto, com o método hipotético-dedutivo, foi possível desenvolver uma construção lógica na resolução do problema, em uma abordagem qualitativa, na qual foi considerada, a relação dinâmica entre a Associação Quilombo Erê e os moradores do referido bairro, bem como a sua aceitação na sociedade Jacobinense, ou seja, analisar o vínculo indissociável entre o objetivo da Associação e a subjetividade dos sujeitos, o que não pode ser traduzido em números. Essa interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados foram de suma importância no processo de pesquisa.

Esta pesquisa também é de caráter exploratório, sendo que foram realizados os seguintes procedimentos técnicos de abordagem: pesquisas bibliográficas, documental, estudo de caso e entrevistas, a fim de conseguir sanar quaisquer dúvidas relacionadas ao problema proposto.

Visando o andamento da pesquisa, foi possível contar com a contribuição de 40 moradores, sendo que 10 são associados da Associação Quilombo Erê, que colaboraram para a realização do trabalho, os quais se sentiram bastante motivados a participarem, contribuindo desta forma para o aprimoramento da pesquisa. Teve também a participação de outros indivíduos

que residem na cidade de Jacobina/BA, que quiseram fornecer informações específicas do problema pesquisado.

Dentre os procedimentos técnicos de abordagem especificados anteriormente, a pesquisa foi feita em artigos de periódicos, livros e documentos da Associação tais como o estatuto da mesma, entrevistas realizadas através de formulários; tudo isso por meio da interação com membros das situações pesquisadas. Vale pontuar também alguns autores que contribuíram para o corpo teórico da pesquisa como: Stuart Hall (2001), Paul Claval (2001), Marina de Mello (2008), Milton Santos (2007), Montes (1996), Souza (2008), dentre outros.

Com todos os elementos obtidos no decorrer da pesquisa, é possível afirmar que foram analisados de forma contínua, cuidadosamente, a fim de fazer uma categorização das informações colhidas, utilizando os dados mais significativos, que realmente merecem fazer parte da análise. Nesse momento, foi levado em conta os objetivos gerais e específicos, procurando harmonizar os dados com a teoria que fundamenta a pesquisa.

Desta forma, este trabalho está organizado em três capítulos, sendo que o primeiro, intitulado “A Geografia Cultural e as Concepções de Identidade e Cultura”, trata da Geografia Cultural, a qual se difundiu a partir dos estudos de Carl Sauer, (22, out. 2012), e apresenta forte influência historicista. Segundo Claval (2001), a Geografia Cultural objetiva compreender como as pessoas vivem sobre a terra, experienciam os seus espaços de vivência, compartilham músicas, danças, uma diversidade de arte em diferentes partes do planeta. Este capítulo relata a atuação da cultura, produzindo sentidos, construindo identidades, mostrando especificamente que ainda que os membros de uma sociedade sejam diferentes, uma cultura busca unificá-los numa identidade cultural.

Este capítulo tem um subcapítulo “Quilombo: território de identidade afro brasileira”, o qual conceitua a palavra “Kilombo”, fazendo um comentário sobre a escravidão no Brasil, sintetizando a causa das fugas dos negros, mostrando o seu lugar de refúgio e a construção do seu território de identidade.

O segundo capítulo que tem como título “Cultura e Manifestações Culturais Afro Brasileiras” aborda a mistura de povos, de culturas que vieram para o Brasil, sendo uma das principais características desta sociedade. Comenta que a inserção destes povos no país teve como motivação a possibilidade de adquirir uma vida melhor, usando seus conhecimentos e habilidades anteriores, reproduzindo então, sua sensibilidade nos novos ambientes em que passaram a viver, ajudando a construir a sociedade que temos hoje. A contribuição da soma de habilidades destes povos recai não apenas na mistura de raças, mas também nas manifestações culturais, conseqüentemente, na construção de identidade.

Este capítulo também faz uma inferência sobre a organização e transformação no espaço geográfico realizado pela ação do homem, mais especificamente após a chegada dos africanos no Brasil, por meio dos objetos e técnicas.

O segundo capítulo também evidencia a chegada dos africanos no Brasil, relatando um pouco da sua história, mostrando especificamente a sua contribuição na construção cultural e identitária do país, através da diversidade de elementos culturais, seja na música, na dança, nas vestimentas, na culinária, dentre outros. Segue com um subcapítulo: “Considerações sobre algumas manifestações culturais afro-brasileiras”, que relata formas de expressões culturais utilizadas pelos negros com o intuito de manifestarem seus pensamentos, emoções e valores.

O terceiro capítulo, intitulado “Disseminação da Identidade Afro Brasileira pela Associação Quilombo Êrê no Bairro da Bananeira em Jacobina-Ba”, tem dois subcapítulo: “Um pouco da história da Associação Afro Brasileira Quilombo Êrê” e “Ações do Quilombo Êrê: objetivos e desafios” os quais relatam a história da Associação, como foi fundada, em que ano, os maiores conflitos vivenciados pelos organizadores, o principal objetivo, local de funcionamento, as doações, trabalhos sociais realizados, maiores desafios e conquistas, o que a comunidade conseguiu resgatar e preservar da sua ancestralidade, cursos profissionalizantes oferecidos, dentre outras informações referentes à pesquisa de campo, tendo como principal foco,

apontar as manifestações culturais afro brasileira, fortalecendo a sua identidade.

Portanto, mediante aos resultados encontrados, a comunidade participante da Associação Afro-Brasileira Quilombo Erê, bem como os moradores do bairro, foram beneficiados com esta pesquisa a partir do momento em que foi demonstrada a importância da existência da mesma no bairro da Bananeira na cidade de Jacobina/BA.

1 A GEOGRAFIA CULTURAL E AS CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE E CULTURA

Tratar da concepção de cultura e identidade no viés geográfico requer uma discussão acerca da Geografia Cultural, que se difundiu, sobretudo, a partir dos estudos clássicos de Carl Sauer, que apresentavam forte influência historicista.

A partir de 1970 a Geografia Cultural amplia o seu campo de análise, abrindo assim novas perspectivas para o papel das técnicas e para a leitura do espaço geográfico. Para Claval (2001) o objetivo da Geografia Cultural é compreender como as pessoas vivem sobre a terra e experienciam os seus espaços de vivência em diferentes partes do planeta. Por meio do estudo geográfico, é plausível analisar o espaço em suas diversas escalas, uma vez que os povos de diversos lugares do mundo se organizam em seus espaços de forma diferenciada, seja no trabalho, no lazer ou na moradia, evidenciando uma grande diversidade cultural.

Desta forma, pode-se dizer que as culturas produzem sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Para Anderson (1983), “[...] a identidade nacional é uma comunidade imaginada” (ANDERSON 1983, p.36 apud HALL, 2001, p.51), pois vão sendo repassadas de geração em geração, como uma forma de preservar algo que já foi vivido; na realidade em que é contada, torna-se algo visível apenas no imaginário, mas que pode ser concretizado através de ações que façam ressurgir tais manifestações culturais.

Portanto, não importa quão diferentes os membros de uma sociedade possam ser em termos de classe, gênero ou raça; uma cultura busca unificá-los numa identidade cultural para representar todos como pertencendo à mesma e grande família em termos culturais, e toda esta construção é desenvolvida através das interações sociais, o que faz com que uma cultura seja preservada e repassada.

Por conseguinte, a discussão sobre a identidade de um povo reforça o conceito de que, a nação não é uma entidade plenamente formada, mas sujeita a mecanismos de inclusão e exclusão, à presença da diferença. Assim, a busca da identidade, passa então, necessariamente, pela recuperação de certos valores naturais de raízes específicas e assimilação de signos, para o estabelecimento de novas relações: seja para tentar resgatar a tradição, seja para tentar construir uma nova.

A identidade é um processo de construção que não é compreensível fora da dinâmica que rege a vida de um grupo social em sua relação com os outros distintos. De acordo com Montes (1996):

Percebemos que é impossível pensar a identidade como coisa, como permanência estática de algo que é sempre igual a si mesmo, seja nos indivíduos, seja nas sociedades e nas culturas. Ao contrário, é preciso pensar, que, uma vez que as sociedades são dinâmicas e a vida social não está parada, também a identidade não é uma coisa fixa, mas algo que resulta de um processo, de uma construção. E não podemos entender essa construção sem o contexto onde ela se dá. A identidade não existe senão contextualizada, como um processo de construção, e pressupõe o reconhecimento da alteridade para a sua afirmação (MONTES, 1996, p. 56).

Desta forma, o processo de construção da identidade se dá num conjunto de relações entre o homem, o meio social e o espaço que ele está inserido, não podendo ser concebida individualmente. Nesta construção há uma diversidade de valores, ramificações culturais, sociais e econômicas que se entrelaçam, dando significado ao lugar, o cotidiano do indivíduo e às relações de proximidade ali existente. Sobre esta questão, Santos (1999) comenta que:

[...] a proximidade que interessa ao geógrafo, não se limita a uma mera definição das distâncias; ela tem que ver com a contiguidade física entre pessoas numa mesma extensão, num mesmo conjunto de pontos contínuos, vivendo com a intensidade de suas inter-relações (SANTOS, 1999, p.255).

De acordo com o autor, havendo proximidade entre indivíduos, há troca de conhecimentos, conjunto de ideias, motivações, construções, relação, identidade.

Por conseguinte, Hall (2001) discorre a respeito de três concepções muito diferentes de identidade, sendo a primeira a do sujeito do Iluminismo enquanto um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e ação, no qual o centro essencial do “eu” era a identidade de uma pessoa, uma concepção individualista.

A segunda identidade é a do sujeito sociológico que refletia a crescente complexidade do mundo e a consciência de que o interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com as outras pessoas, dando sentido, valores e símbolos no lugar em que eles habitavam. A identidade é formada e modificada pelo processo de interação entre o “eu” e a sociedade, entre os mundos culturais internos e externos e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2001).

Todavia, nesse processo de construção, a relação entre o “eu” e a sociedade foi dando uma nova roupagem, no qual o sujeito tornou-se fragmentado, sendo composto não mais de uma única identidade, mas de várias. De acordo com Hall (2001), devido a todo esse processo de mudanças estruturais e institucionais nas identidades culturais, surge o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. Pode-se dizer que isso é reflexo da reprodução do espaço geográfico, o qual não é estático, está sempre sofrendo transformações de acordo com os interesses da sociedade contemporânea.

Neste contexto, vale comentar que, desde os primórdios o homem estabeleceu uma relação entre ele e o meio, que continha objetos naturais, a fim de proporcionar condições para sua sobrevivência. Santos (1999, p. 25) afirma que esta relação é dada pela técnica. Para ele “As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”. Claramente, as técnicas referem-se, por um lado, à forma em que a sociedade opera no espaço

geográfico, realiza a ocupação do solo com fábricas, minas, indústrias, instrumentos modernos e por outro lado, as transformações ocorridas pelos usos das máquinas, onde o homem passa a executar novos métodos de produção e de existência. Desta forma, todo o processo de construção, transformação realizado no espaço geográfico, por meio das técnicas, é regido por um grupo social, cuja identidade vai sendo formada dentro da realidade em que este está inserido.

De acordo com Montes, (1996), a formação da identidade é um processo de construção que não é compreensível fora da dinâmica que rege a vida de um grupo social em sua relação com os outros distintos. Nessa formação da identidade um grupo social tem como resultado uma diversidade de significação e representação cultural.

Neste sentido, no que se refere à identidade negra, à medida que o africano se integrou à sociedade brasileira, trouxe consigo a sua construção identitária específica do seu grupo social, no qual passou e passa continuamente por um processo de construção da sua identidade no novo país, vivenciando uma nova dinâmica social, todavia, sustentando e fortalecendo sua raiz e seus valores culturais.

Enfatizando a questão da identidade afro-brasileira, Tavares (2010) comenta que por volta dos anos 1980 e 1990, o debate sobre a causa negra ressurgiu como parte de movimentos sociais que se fortaleceram desde os anos de 1970 em torno da identidade negra e da cidadania. Movimentos que se empenharam na busca pela politização em torno de uma consciência negra ou de uma cultura negra que marcasse uma cidadania diferenciada. Cidadãos negros que se afirmavam principalmente nos aspectos culturais, através da música, da dança, do reggae, da capoeira, da arquitetura, das comidas, do estilo próprio de se vestir; pelos aspectos espirituais, por outras práticas culturais; ou pela procura de dados que mostrassem efetivamente a condição do negro na sociedade brasileira. É importante comentar que milhões de africanos foram arrancados da África e escravizados em outras áreas do planeta, o qual foi realizado através do Atlântico, sendo um dos maiores empreendimentos comerciais e culturais que marcaram o mundo moderno e a

criação de um sistema econômico mundial. Assim, foram os africanos e seus descendentes que constituíram a força do trabalho durante os mais de trezentos anos de escravidão, além de movimentarem engenhos, fazendas, minas, cidades, plantações, fábricas, cozinhas e salões.

De acordo com Souza (2008), no período escravocrata, os negros eram tratados de forma desumana. Por vezes, eram amarrados no tronco e apanhavam com chicotes, até sangrar. Não tinham autonomia para fazer suas escolhas, tomar suas próprias decisões, antes, eram subjugados a fazer a vontade dos seus senhores. Descontentes com a posição de escravos, os negros começaram a organizar planos de fugas, a fim de conquistar sua liberdade e dignidade, procuravam lugares altos e distantes para se esconderem, a fim de não serem encontrados e capturados pelos capitães do mato, o qual era especializado em encontrar escravos fugidos e devolver para seu senhor.

Souza (2008, p. 97) relata que os agrupamentos de escravos fugidos eram denominados de quilombos, e podiam ter algumas pessoas, dezenas, centenas, ou até milhares de moradores, como chegou a ter Palmares, o maior quilombo que existiu no Brasil e o que mais durou.

A comunidade negra e os movimentos por eles organizados tiveram como líder Zumbi dos Palmares, conhecido como símbolo da resistência negra contra a escravidão, sendo o último chefe do Quilombo dos Palmares. Por meio dele, foi formado um grande movimento de massa, onde homens e mulheres, negros e mestiços iniciaram uma trajetória do reconhecimento da identidade negra no Brasil, fortalecendo a autoestima e orgulho de ser afro descendente. Como exemplo desta afirmação podemos observar alguns trechos da letra da música Samba Enredo – 1960, “Quilombo dos Palmares” da escola de samba Salgueiro (RJ);

No tempo em que o Brasil ainda era
Um simples país colonial,
Pernambuco foi palco da história
Que apresentamos neste carnaval.
Com a invasão dos holandeses
Os escravos fugiram da opressão
E do julgo dos portugueses.

Esses revoltosos
Ansiosos pela liberdade
Nos arraiais dos Palmares
Buscavam a tranqüilidade.

Ô-ô-ô-ô-ô-ô
Ô-ô, ô-ô, ô-ô.

Surgiu nessa história um protetor.
Zumbi, o divino imperador,
Resistiu com seus guerreiros em sua tróia,
Muitos anos, ao furor dos opressores,
Ao qual os negros refugiados
Rendiam respeito e louvor.
Quarenta e oito anos depois [...]

Podemos perceber que a letra da música “Quilombo dos Palmares”, enfatiza positivamente a fuga dos escravos, seus objetivos, o papel exercido por Zumbi, fortalecendo e reconhecendo o valor do negro e sua luta pela liberdade através desta canção.

1.1 Quilombo: território de identidade afro brasileira

Sabemos que muitos negros tinham como objetivo conquistar sua liberdade e dignidade. Estes articulavam vários períodos de fugas e lutavam contra a escravidão; quando conseguiam fugir, procuravam esconder-se em lugares mais altos e distantes denominados quilombo, a fim de não serem capturados pelos capatazes de seus senhores.

De acordo com Munanga (1996, p.58 apud RATTTS, 2000, p.310) a palavra “quilombo” é originária da língua banto umbundo, falada pelo povo ovimbundo, que diz respeito a um tipo de instituição sócio política militar conhecida na África Central. Há ainda outras línguas africanas com palavras similares que designam a mesma coisa. Em alguns lugares do Brasil, os quilombos também recebiam o nome de “mocambos”.

Em seu significado original, “quilombo” se referia a um lugar de repouso utilizado por populações nômades. No Brasil, a palavra tomou uma nova conotação: chamava-se quilombo uma comunidade de escravos fugitivos.

Nessas comunidades vivia-se de acordo com a cultura originalmente africana – seja em âmbito cultural, religioso ou social.

No período em que havia escravidão no Brasil, os negros empenhavam-se em encontrar maneiras de escaparem daqueles momentos marcados pela repressão e controle. Dentre estas atitudes de insatisfação dos escravos brasileiros, houve uma ação de resistência mais típica da escravidão, que foi a fuga e formação de grupos de escravos fugidos. Muitos deles fugiam, a fim de não serem capturados, “para os sertões, se embrenhando nos matos, ou para arredores das cidades, se escondendo em lugares de difícil acesso” (SOUZA, 2008, p.97), ou seja, os quilombos eram estabelecidos em locais distantes e fortificados no meio das matas, em cachoeiras entre outros espaços. Esta foi uma das mais ousadas e bem articuladas ações que serviram para quebrar as imposições da administração colonial, resistindo à escravidão.

Os autores Rei e Gomes (1996, p.09 apud RATTTS, 2000, p.311) declaram que “Onde houve escravidão houve resistência”, acarretando assim uma série de mudanças. O que se pode dizer nessa afirmação é que onde houve escravidão de africanos houve fugas e a formação de quilombos. Para os autores, o escravo, mesmo sob ameaça do chicote, negociava espaços de autonomia com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores, rebelava-se individual e coletivamente.

Segundo Ratts (2000), no senso comum, as palavras Quilombo ou Mocambo, são referências de reduto de negros escravos fugitivos, que disseminou desde o período escravista. Escravos estes, que lutavam e almejavam alcançar a liberdade, a fim de ter uma vida digna.

Diante disso é importante ratificar o que Nascimento (1980) imprime na sua interpretação do que vem a ser quilombo,

Quilombo não significa escravo fugitivo. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sociopolítico em termos de igualitarismo econômico (NASCIMENTO, 1980, p.263 apud. RATTTS, 2000, p.315).

Seguindo esta afirmação, é pertinente comentar que, uma vez conquistada a liberdade, os escravos fugitivos, chamados de quilombolas, “viviam do cultivo da terra, da caça, da pesca, produzindo seus tecidos, seus potes, suas cestas, seus instrumentos de trabalho e armas” (SOUZA, 2008, p.98), contribuindo desta forma para o desenvolvimento econômico. Entretanto, Rei e Gomes relatam que:

Inúmeros quilombos se constituíram no século XIX, notoriamente nas décadas finais do período escravista. Seus habitantes, chamados de quilombolas, mocambeiro ou calhambolas, foram perseguidos quer fossem poucos ou milhares, quer estivessem afastados ou próximos das cidades. (REIS e GOMES, 1996 apud. RATTS, 2000, p.312).

Desta forma, os Quilombos representam uma das maiores expressões de luta organizada, em resistência ao sistema colonial-escravista brasileiro, atuando sobre questões estruturais, em diferentes momentos histórico-culturais de cada lugar, sob a inspiração, liderança e orientação de africanos escravizados e de seus descendentes, visando proclamar a queda do sistema escravocrata tornando-se verdadeiramente livres.

Frequentemente estes movimentos tomavam a forma de quilombos à semelhança de Palmares. Os quilombos existiram em vários pontos do mundo em decorrência das lutas ocorridas em diferentes lugares onde houvesse negação de liberdade, dominação, desrespeito aos seus direitos, acrescidos de preconceitos, desigualdades e racismo. Segundo Almeida (2006, p.53), “[...] a definição de quilombo durante a escravidão tornou jurídica a questão das fugas de escravos, marginalizando-os e penalizando-os”. Desta forma,

[...] admitir que era quilombola equivalia ao risco de ser posto à margem. Daí as narrativas místicas: terras de herança, terras de santo, terras de índio, doações, concessões e aquisições de terras. Cada grupo tem sua história e construiu sua identidade a partir dela (ALMEIDA, 1997, apud CARRIL, 2006, p. 53).

Assim, “os embates da luta pela sobrevivência ocasionaram outra consciência entre os quilombos atuais, o qual se verifica na reelaboração de si próprios perante as ameaças externas sobre seu território” (CARRIL, 2006,

p.53). Este processo consiste especificamente na estruturação da sua identidade, resgatando desta forma sua liberdade e dignidade.

Essa estruturação se dá na construção do relacionamento vivo e dinâmico, sobre o território, o qual Godelier (1984) afirma que:

Designa-se por território uma porção da natureza e, portanto, do espaço sobre o qual uma determinada sociedade reivindica e garante a todos ou parte de seus membros direitos estáveis de acesso, de controle e de uso com respeito à totalidade ou parte dos recursos que aí se encontram e que ela deseja e é capaz de explorar (GODELIER, 1984, p. 112 apud SANTOS, 2007, p.47).

Desta forma, os negros, antes escravos, ao conseguirem fugir, ocupavam determinados espaços, que iam sendo transformados gradativamente, na construção do relacionamento existente entre os organismos vivos, valorizando o território, fonte de recursos para sua existência.

Gottmann, em sua sólida reflexão sobre significados de território, historicamente determinados, declara que “[...] se o território é um compartimento do espaço como fruto de sua diversificação e organização, ele tem duas funções principais: servir de abrigo, como forma de segurança e, servir como trampolim para oportunidades” (GOTTMANN, 1973\2005, apud SAQUET, 2010, p.27).

Sobre este contexto, é perceptível esta afirmação no que diz respeito às fugas dos negros para lugares distantes à procura de abrigo, que lhe proporcionasse segurança, a fim de não serem encontrados pelos seus senhores. Respectivamente, na ocupação do espaço, transformando-o, organizando-o, extraiu-se deste território oportunidades para dali em diante, seguir com uma vida digna, livre dos seus opressores.

Pode-se assim dizer que o território quilombola evidencia-se nas práticas culturais, na sua forma de produzir, organizar e transformar o seu espaço de vivência, na elaboração de fins lucrativos, fazendo uso dos elementos disponibilizados pela própria terra.

Este resultado de uma aglomeração de ações do homem sobre a terra, tendo o pertencimento do território, implica a representação da identidade cultural, dos valores materiais, étnicos, espirituais, simbólicos e afetivos, que foram sendo construídos ao longo do tempo.

Portanto, é possível afirmar que se há uma apropriação, pertencimento de um dado território, transformação, construção, relação social e cultural no mesmo, se tratando especificamente da ocupação realizada por negros, evidencia-se um território de identidade afro brasileira. Compreendendo desta forma que o território é relacional, onde envolvem processos sociais, espaço material, seja visto como primeira ou segunda natureza, estabilidade, limite, incluindo também movimento, fluidez e conexões.

Esta relação de elementos é perceptível no território de identidade afro, uma vez que após a inserção do negro no Brasil, acontecendo a ocupação territorial, houve uma grande disseminação das suas raízes culturais, que foram tomando forma, significado, valor, contribuindo assim para a construção da sua identidade.

Dentro deste contexto, é possível afirmar que o território é formado a partir do espaço com suas relações de poder, tendo seus atributos naturais socialmente construídos, apropriado para ser ocupado por um grupo social, sendo que esta ocupação é vista como algo gerador de raízes de identidade.

Assim, um grupo social não pode mais ser compreendido sem o seu território, uma vez que a identidade sócio cultural de um povo está ligada aos atributos do espaço organizado e vivenciado pelo homem. Segundo Milton Santos,

“[...] o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante. E como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia...” (SANTOS, 1978, p.145 apud CORRÊA, 1995, p.28).

Assim, o espaço organizado pelo homem desempenha um grande papel na sociedade, condicionando-a e ao mesmo tempo, compartilhando o processo de existência e reprodução social.

Desta forma, Milton Santos propõe que o espaço geográfico é “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerado isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá” (SANTOS, 1999, p. 51-52).

Para o autor, a natureza é a origem, ela provê as coisas, as quais são transformadas em objetos pela ação do homem através da técnica. Ou seja, as dádivas da natureza quando passaram a ser utilizadas pelos homens a partir de um conjunto de intenções sociais, passaram também a ser objetos. Para Milton Santos (1999, p. 25), a técnica é “a principal forma de relação entre o homem e a natureza” e é definida como “um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”. E neste processo dinâmico das relações sociais estabelecidas no espaço geográfico, através do uso das técnicas, é que as identidades são constantemente construídas.

Segundo Santos (1999), a organização do espaço geográfico conta também com o meio Técnico-Científico informacional (globalização) que se esboçou a partir do novo ciclo de inovações, conhecido como revolução científica e informacional. Este meio é caracterizado pelo predomínio das finanças e da transferência de capitais e informações através de redes de comunicações de alta tecnologia. Esse é o período atual, no qual a organização do espaço se baseia nas atividades econômicas e financeiras, sendo desenvolvidas a partir de uma relação estreita entre a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico. Desse modo, o espaço geográfico vem sendo organizado com base nos interesses das grandes corporações internacionais, modificando o modo de viver, as características dos lugares e impondo nova forma de relação entre a sociedade e a natureza.

Pode se afirmar então que essa história é construída na soma de cultura, raça, etnia, conhecimentos, técnica, informatização, construção de identidade, etc. resultando em contínuas transformações geográficas.

2 CULTURA E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS AFRO BRASILEIRAS

Sabe-se que no Brasil, há uma mistura de povos, de culturas, que vieram para este país seja por obrigação ou por vontade própria, sendo uma das principais características da sociedade brasileira. Souza (2008) comenta que a presença de italianos, japoneses, alemães, espanhóis, entre uma diversidade de outros povos, é mais ou menos evidente, dependendo do lugar do país. Muitos vieram para o Brasil com a finalidade de trabalhar, mas trazendo criatividade artística, contribuindo desta forma, não somente na mistura de raças, como também nas manifestações culturais e construção de identidades. Lembrando-se de citar os índios, habitantes originais, com uma presença marcante na sociedade brasileira, os quais mantiveram com integridade suas características culturais.

Neste contexto é possível evidenciar também a presença dos povos africanos, que vieram para o Brasil no século XVI, e foram a principal força de trabalho e disseminação cultural neste país. Segundo Silva (2008, p.34), os negros escravizados ao chegarem ao Brasil eram vendidos nos portos, em leilões e pouco tempo depois, iam trabalhar nos engenhos de açúcar, nas plantações de algodão ou faziam serviços domésticos. Os que trabalhavam nas lavouras viviam sob a fiscalização de um feitor e trabalhavam em média 15 horas por dia.

O autor relata que por causa do excesso de trabalho, má alimentação, péssimas condições de higiene e os castigos físicos, faziam com que a expectativa de vida dos escravizados fosse pequena. Todavia, mesmo vivendo de maneira cruel, com rejeições, restrições e proibições, uma vez que não podiam manifestar sua cultura, eles não deixavam a essência da cultura africana se apagar. Realizavam rituais, festas, danças, religião e as representações artísticas, sobretudo nas senzalas.

É importante comentar que a cultura africana trouxe vários elementos significativos para o povo brasileiro, como a dança, a capoeira dentre outros. Isso se evidenciou mais a partir do momento em que o samba, o carnaval e a mulata passaram a ser ícones da identidade brasileira. Entretanto, é

perceptível o quanto o preconceito está intrínseco nas questões culturais referentes ao povo africano, sobre esta questão Souza (2008, p. 129) afirma que:

[...] parecia mais fácil aceitar a presença de elementos africanos nas manifestações culturais populares brasileiras, e, portanto na cultura brasileira tomada em conjunto, do que manter uma convivência igualitária com negros e mestiços.

Portanto, nesta afirmação fica evidente o preconceito referente aos povos africanos ao se aceitar os elementos trazidos pelos negros, mas não os receberem para uma convivência igualitária. Todavia, ainda que tenham sido auferidos de maneira indiferente, é inerente comentar que à medida que o africano se integrou à sociedade brasileira, tornou-se afro brasileiro, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento cultural diversificado. Vale ressaltar que nas suas comunidades, os negros vivem de acordo com sua própria cultura africana.

Assim, para iniciar uma discussão a respeito das questões culturais, Claval (2001) afirma que a cultura é um campo comum para o conjunto das ciências humanas.

Cada disciplina aborda este imenso domínio segundo pontos de vista diferentes. O olhar do geógrafo não dissocia os grupos dos territórios que organizaram e onde vivem; a estrutura e a extensão dos espaços de intercomunicação, a maneira como os grupos vencem o obstáculo da distância e algumas vezes o reforçam estão no cerne da reflexão (CLAVAL, 2001, p.11).

Nesse contexto, cultura é o conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização, ou seja, música, teatro, rituais religiosos, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, pensamentos, formas de organização social, etc. São atividades e manifestações culturais, que estão interligadas à construção da identidade em meios às suas relações no espaço em que vivem.

Este processo de inter-relação e construção da identidade permite aos indivíduos e aos grupos se projetarem para o futuro, vivenciando a cultura não de maneira passiva, mas reagindo àquilo que lhes é proposto, interiorizando alguns traços e rejeitando outros, criando, inventando, novas formas de fazer e vivenciar suas aspirações culturais. Sobre esta questão Claval (2001) afirma que:

Graças à cultura, cada um se projeta no futuro e trabalha para criar um contexto melhor do que aquele do presente. O mundo termina geralmente por assemelhar-se ao paraíso ou às utopias que os homens imaginam; seus valores enraízam-se, suas escolhas encontram aí sua legitimidade; o ambiente que molda torna-se, assim, conforme as suas preferências e às suas aspirações (CLAVAL, 2001, p.13).

Portanto, é possível enfatizar nesta afirmação que a cultura é uma soma de ideias forjadas de pensamentos, sonhos, escolhas que se concretizam através da arte e se revelam pelas manifestações culturais.

Sabe-se que com a chegada do povo africano nas terras brasileiras, trouxeram juntamente consigo suas ramificações culturais, a exemplo da música, culinária, religiosidade e dança, que foram se misturando com outros povos, sendo transformadas com o decorrer dos tempos. Destarte, nesses processos, muitas características africanas foram mantidas por grupos e associações que se esforçam para legitimar sua identidade sociocultural. Tavares (2010, p. 2), relata que:

A história do movimento negro se faz também por meio da música, que se evidencia nos blocos afros, representando a força da identidade negra, que desempenha um papel social importante na reeducação das relações entre negros e não negros e nos processos pedagógicos, políticos e econômicos. Realçando e levantando a moral do povo negro, ajudando a valorizar a cultura étnica negra para que se crie uma autoestima por si mesmo, travando no peito o ego africano.

Os blocos afros na verdade, segundo Tavares (2010, p. 2) “tentam romper a distância geográfica trazendo a África para o Brasil em versos”. É neste momento de expressar seus valores, suas vestimentas, seu próprio estilo

cultural, que todos cantam, tocam, dançam, com a presença da musicalidade diferenciada, fazendo uso dos sons do atabaque, do agogô, timbal, pandeiro, berimbau e outros. Os negros ecoam nas suas manifestações o discurso de justiça, reconhecimento, valorização.

Esta discussão está inserida justamente nas manifestações culturais, aonde o ser humano utiliza para transpor o seu pensar, o sentir, o que almeja fazer, transformar, modificar, vivendo numa incessante busca pelo novo e em prol da vida, fazendo uso de várias formas de se expressar, seja nas obras literárias, nas festas de rua, nas associações de bairro, nas vestimentas, nas danças, dentre outras performances.

2.1 Considerações sobre algumas manifestações culturais afro brasileiras

A princípio, é inerente relatar que manifestações culturais é toda forma de expressão humana, além das que já foi citada anteriormente, pode ser revelada também através de celebrações e rituais, religião, representações, conhecimentos e técnicas junto com instrumentos, objetos e lugares que lhes são associados.

Assim, dentre muitas formas de manifestações culturais que pode ser citado aqui, a capoeira se destaca como uma das mais divulgadas e conhecidas. Silva (2008) comenta que sobre a origem da capoeira,

Há os que acreditam que ela nasceu no Brasil, a partir de uma mistura de lutas, danças e rituais de diversas partes da África. Há, porém os que creem que se trata de uma mistura da cultura africana com a indígena, pois os índios brasileiros praticavam um ritual que misturava música, dança e luta (SILVA, 2008, p. 40).

Para alguns estudiosos, a teoria de que a capoeira é africana não encontra respaldo na história, reforçando assim a possibilidade de que ela surgiu de fato no Brasil, como resultado do encontro da diversidade de tradições.

Silva (2008) diz que se estima uma data para o surgimento da capoeira no Brasil por volta do ano de 1600 e se desenvolveu especialmente em Pernambuco, na Bahia e no Rio de Janeiro. Entretanto, independentemente de suas origens, a capoeira é na verdade uma luta dançada, na qual dois participantes dão golpes de pernas e cabeça, saltando de um lado para o outro, usando as mãos como apoio, sendo manifestada como uma forma de resistência dos afro-americanos a um sistema dominante e opressor. Era um instrumento de luta pela liberdade de um povo escravizado e maltratado pelo colonizador europeu.

Os elementos africanos da capoeira são evidentes no momento da apresentação, uma vez que há uma soma entre os movimentos realizados e os participantes, com os instrumentos musicais (atabaque, tambor, berimbau), os ritmos, a formação em roda, os passos utilizados na dança e muitas das letras que são cantadas. Esta é uma das manifestações da cultura afro-brasileira mais difundida entre todas as classes sociais e também no exterior.

Vale salientar que durante o período colonial no Brasil a capoeira era utilizada nas senzalas nos momentos de descanso, e os escravizados usavam a música, a ginga e os golpes para os senhores não desconfiarem que se tratasse de uma maneira específica de combate. Desta forma, a capoeira era um instrumento muito útil para auxiliar na fuga dos negros para os quilombos, pois era uma maneira que eles tinham de lutar contra os capitães do mato e capatazes, a qual foi importante para a defesa dos quilombos.

Atualmente a capoeira não é mais utilizada para esses fins, ela é vista, é ensinada e apresentada culturalmente, evidenciando e fortalecendo as raízes africanas. Esta arte exerce seu poder de persuasão em suas apresentações, podendo descrever através dos gestos, expressões, saltos e todos os seus atributos, sentimentos valiosos de sua cultura e identidade.

Partindo desta discussão de cultura e identidade, Claval (2001) afirma que a cultura é constituída de realidades e signos que foram inventados para descrevê-la, dominá-la e verbalizá-la. Sendo assim, carrega-se uma dimensão simbólica. Quando uma atividade cultural é apresentada em público, certos gestos assumem novas significações, gerando naqueles que o assistem um

sentimento de comunidade compartilhada. Desta forma há uma soma de valores culturais e uma transformação na construção do mesmo, uma vez que não é estático, mas sofre mudanças constantemente.

Além da capoeira, é válido citar as festividades religiosas, onde a música africana tem participação de maior influência nos cultos religiosos. As danças, conhecidas como congadas, maracatus, capoeiras e reisados, são acompanhadas por músicas tocadas com uma variedade de instrumentos, como o tambor, o berimbau, o agogô e o reco-reco, que se juntaram aos de origem lusitana, como o pandeiro, a viola e a rabeca, fazendo uma mistura de sons, animando e contagiando a festa.

Souza (2008) relata que há também os sambas de roda, os frevos, os jongos, que era uma dança de roda feita em torno de tambores, geralmente dois, sendo um maior e outro menor. Desta dança fazem parte cantadores que se envolvem em desafios verbais, nos quais adivinhas são lançadas, ou então situações vividas por membros das comunidades são a todos comunicadas, numa espécie de crônica dos principais acontecimentos, enquanto os dançadores ocupam o centro de uma roda formada por todos os participantes. Neste contexto importa pontuar que segundo Souza (2008),

Hoje em dia as danças populares tradicionais estão cada vez mais restritas a grupos que se empenham em preservar as tradições, ou então àqueles que vivem mais isolados e, portanto menos abertos às mudanças introduzidas pelos meios de comunicação (SOUZA, 2008, p.135).

Portanto, na fala de Souza (2008) fica evidente que entre as danças populares mais comuns em todo o Brasil está o bumba meu boi, conhecida comumente como uma dança de rua, que é uma espécie de teatro dançado e cantado, tendo o boi como o elemento central. É tido como uma das mais ricas representações do folclore brasileiro, o qual, segundo historiadores, surgiu através da união de elementos das culturas europeia, africana e indígena.

Há também um estilo de música que surgiu na contemporaneidade, sendo uma das mais fortes manifestações afro-brasileiras: o rap e o hip hop que se consolidam como autênticas trilhas sonoras da periferia, sendo

escolhidos pela juventude negra como representantes de suas ideias. Segundo Souza, o rap “surge em um momento em que a adoção dos valores do mundo branco dominante não é mais vista como necessária no caminho da ascensão social e em que as raízes africanas são valorizadas em vez de negadas” (SOUZA, 2008, p. 139).

Essa afirmação pode ser percebida em alguns trechos da letra deste rap que tem como título “O Preto em Movimento”, escrito por MV Bill:

Não sou o movimento negro
Sou o preto em movimento
Todos os lamentos (Me fazem refletir)
Sobre a nossa história
Marcada com glórias
Sentimento que eu levo no peito
É de vitória [...]
[...] Por amor a melanina
Coloco em minha rima
Versos que deram a volta por cima
O passado ensina e contamina
Aqueles que sonham com uma vida em liberdade
De verdade
Capacidade pra bater de frente
E modificar o que foi pré-destinado pra gente
Dignificar o que foi conquistado [...]
Não me encaixo nos padrões
Que visam meus irmãos como vilões
Na condição de culpados[...]
[...] Desperta
Sentindo a atmosfera, que libera dos porões
E te liberta (Sarará crioulo...)
Muita força pra encarar qualquer bagulho
Resistência sempre foi a nossa marca, meu orgulho

A letra deste rap evidencia a força, a coragem, o orgulho de ser negro, a valorização pela sua cor, percorrendo em versos a sua história de liberdade, resistência e vitória.

Além destas discussões e contribuições de aspectos culturais nas questões religiosas, danças, festas e músicas, é importante pontuar a influência africana na culinária brasileira, especificamente na Bahia, onde o uso do azeite de dendê, da pimenta, acarajé, vatapá, dentre outros, encontram-se em bastante evidência.

Portanto, em meio a tantas influências culturais vinda de tais povos, é possível apontar que além das técnicas de produção e de confecção de uma diversidade de objetos, como as cestas, vasos de barro, sua força de trabalho, trouxeram também alguns dos seus conhecimentos, que contribuíram para a construção de uma diversidade cultural disseminada de forma heterogênea no território brasileiro.

3 DISSEMINAÇÃO DA IDENTIDADE AFRO BRASILEIRA PELA ASSOCIAÇÃO QUILOMBO ÊRÊ NO BAIRRO DA BANANEIRA EM JACOBINA-BA

A fim de aprofundar o conhecimento e evidenciar a estruturação dos respectivos projetos da Associação Afro Brasileira Quilombo Erê, buscando comparar os dados com a base teórica, foram realizadas entrevistas com 40 moradores do bairro da Bananeira, sendo que 10 participam das atividades, assim como o presidente e coordenador da Associação, que contribuíram sobremaneira para o relato dos dados necessários para o desenrolar da pesquisa.

Os subcapítulos a seguir contam um pouco da história da Associação, de que forma ela surgiu, como foi estruturada, quais seus maiores desafios e também suas conquistas, cursos que são oferecidos, oficinas, dentre outros. Relatam também as entrevistas realizadas, em que os participantes tiveram a oportunidade de expor seus valores e sentimentos relacionados à Associação, juntamente às atividades que ali são desenvolvidas.

3.1 Um pouco da história da Associação Afro Brasileira Quilombo Erê

Em entrevista concedida pelo coordenador da Associação Afro Brasileira Quilombo Erê, o mesmo relatou que a referida instituição surgiu de uma ramificação da Pastoral Afro, (era chamada de consciência negra), que começou na Igreja católica em 1984, na cidade de Jacobina/BA, na época da ditadura militar, tendo como principal objetivo, lutar por uma causa justa, em prol do povo. O espaço onde a mesma funciona atualmente pertencia à Coelba, o qual, o Padre José Hechenberger, o atual Abade do Mosteiro dos Cistercienses de Jequitibá – BA conseguiu através de um projeto por ele elaborado.

Apesar de este espaço ter sido doado para o Padre, houve um momento em que a Igreja Católica tomou posse do estabelecimento e entregou de volta para a Coelba. O presidente da Associação comentou que o maior conflito por

eles vivenciado foi a luta pela reconquista deste espaço de funcionamento da Associação. Isto se confirma com o relato de alguns dos moradores entrevistados que acompanharam e vivenciaram este momento de luta, de desafio.

Por causa desta eventualidade, o presidente e o coordenador se deslocaram para a cidade de Salvador-BA, a fim de lutar judicialmente pelos direitos da Associação, conseguindo o espaço de volta em 2012. Contudo, este espaço está sob a responsabilidade do presidente e seus colaboradores, mas não pertence a especificamente à Associação, ou seja, existe um comodato, o qual é renovado de ano em ano que consta a autorização para utilizar o ambiente.

Hoje, o nome registrado no cartório é Atabaque – Associação Afro Brasileira Quilombo Erê, que foi fundada formalmente no dia 06 de maio de 2007, com CNPJ: 10.923.179-0001-02, situada à Rua João Batista Gondim, nº 13, Bairro Bananeira, Jacobina-BA, como nos mostra a foto 1.

Foto 1: Fachada Externa da Associação Afro-brasileira Quilombo Erê



Fonte: Arquivo pessoal – 12 mai. 2013.

Em entrevista com o coordenador, este informou que efetivar o registro da Associação foi a maior conquista, depois de tanto empenho para tê-la de volta, expondo também a sua satisfação por ter a oportunidade de coordenar a referida instituição, buscando resgatar, preservar e valorizar a cultura afro-brasileira. Segundo o entrevistado, além deste conflito com a Igreja católica, há também a discriminação social enfrentada por este grupo, o preconceito, as

drogas, lembrando-se do movimento negro, denominado grupo dos excluídos, que saiu nas ruas da cidade com o objetivo de estavam reivindicar e protestar contra o sistema capitalista, e não foram bem vistos. O coordenador disse que infelizmente o mais temido e evidente na cidade de Jacobina é o conservadorismo que ainda existe por uma grande parcela da sociedade, e o grupo da Associação vem se empenhando, para que aos poucos consigam quebrar esta posição por meio da sensibilização social. Esta fala se confirma com a ideia de Rei e Gomes (1996) referente à resistência presente no período da escravidão, sendo que quando se remete ao negro é impossível não se lembrar das suas raízes identitárias, seus conceitos e valores, que fortalecendo desta forma o preconceito que já está enraizado na mente humana.

Portanto, explicar a presença da comunidade negra do bairro da Bananeira em Jacobina requer não somente traçar o percurso histórico das relações com a sociedade envolvente, mas também desvendar quais as forças econômicas, sociais e políticas que mobilizam a continuidade de sua identidade étnica e de seu modo de vida.

Contando um pouco da história deste bairro, o coordenador e dois entrevistados, disseram que é um dos mais antigos da história de Jacobina e cheio de batalhas, uma vez que sempre ocorreram reivindicações sociais ligadas especificamente à Igreja Católica.

Segundo dois entrevistados, o nome do bairro foi criado pelos próprios moradores, por ser um lugar onde, outrora, se plantava muitas bananeiras nos quintais das casas.

Quanto à estrutura urbana do Bairro, a pesquisa a campo nos confirma que se tratando das características naturais é muito bonita por causa das serras e da vegetação onde é possível ter uma ótima visualização da paisagem, mas se tratando de infraestrutura, espaço físico, os órgãos competentes têm deixado muito a desejar, pois falta rede de esgoto, calçamento, saúde, dentre outras necessidades.

Exatamente por causa da carência existente no bairro da Bananeira, tanto no espaço físico como fora citado à cima, como também nas questões de aspectos sociais, o coordenador afirmou que a Associação tem como principal

finalidade desenvolver um trabalho de inclusão social na comunidade onde atua, buscando parcerias com outras entidades para alcançar os objetivos, ou seja, que todos tenham o mesmo direito social, sem distinção de etnias. Nisto inclui crianças, que segundo os entrevistados, enfrentam muitas dificuldades, seja no âmbito da educação, higiene, lazer, discriminação, rejeição, preconceito, etc. Adolescentes e jovens que enfrentam dificuldades para vencer as drogas e também a falta de oportunidades de emprego, e a terceira idade, disponibilizando cursos, atividades físicas, a fim de lhes proporcionar dias de alegria e satisfação.

Um dado importante que o coordenador relata é que a Associação foi criada e estabelecida justamente no bairro da Bananeira por já existirem vários outros grupos sociais com as mesmas características, como por exemplo, a casa da pastoral afro, esperança jovem, oficina pura vida, grupo de corte e costura das mulheres e etc. Desta forma, como já existiam vários movimentos sociais fazendo uso dos mesmos objetivos, o coordenador, juntamente com o presidente e alguns moradores se organizaram então para fundar a Associação Atabaque no referido bairro.

Todavia, as entrevistas dos sujeitos envolvidos na pesquisa nos confirmam que o maior desafio é manter este espaço em funcionamento para a comunidade, pois vivem de doações e do recolhimento financeiro de algumas atividades desenvolvidas pelos participantes da associação, como por exemplo, a feira do cacareco, onde conseguem recolher roupas e objetos variados para vender na feira, a fim de ajudar na manutenção da Associação. Vale ressaltar que recebem a ajuda de algumas pessoas da sociedade que acreditam na Associação e se dispõem em ajudar, bem como o apoio do Projeto Esperança Gólfis, que está localizada na Austrália, sendo estabelecida por projetos específicos.

O presidente e alguns entrevistados informou que já recebeu doações de cestas básicas e cobertores da empresa Yamana Gold¹, máquinas de

¹ A Yamana Gold Inc. é uma mineradora, com sede no Canadá, que atua na exploração e em diversos estágios da cadeia produtiva do ouro. A Yamana conta com bases de captação no Brasil (em Jacobina-Ba), Argentina, Chile, México e Colômbia, criando oportunidades de trabalho nesses países, tanto na área operacional quanto administrativa.

costura da associação Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola - EBDA, que também auxiliam e apoiam no curso de agricultor orgânico.

Assim, os organizadores e fundadores da Associação se empenham gradativamente para manter este espaço em funcionamento, a fim de contribuir para boa formação das crianças, jovens e adultos que desfrutam das atividades que ali são realizadas, tendo em vista também a valorização da cultura afro e o fortalecimento da identidade afro-brasileira.

3.1.1 Ações do Quilombo Erê: objetivos e desafios

A Associação surgiu com a finalidade de proporcionar aos moradores do bairro e também para toda a sociedade jacobinense um espaço sociocultural, onde ali pudessem aprimorar seus conhecimentos, participar de atividades diferenciadas, proporcionar para as crianças, jovens e idosos momentos de lazer, alegria, satisfação, dentre outros.

Segundo o coordenador, a Associação Quilombo Erê se transformou em um espaço de convivência, o qual é compartilhado com todos, não apenas com crianças, como a princípio e, tem como objetivo fortalecer a cultura afro-brasileira e servir de auxílio para a reafirmação da comunidade. Esta afirmativa é confirmada tanto pelos associados que foram entrevistados como pelas pessoas que não participam das atividades, mas conhecem e vêm o quanto a Associação tem sido um espaço muito importante para a comunidade quando perguntamos sobre quais as principais finalidades do Quilombo Erê.

O coordenador afirmou que aproximadamente duzentas pessoas são beneficiadas e desfrutam do espaço, bem como todos os moradores do bairro. Desta forma, eles oferecem diversas atividades para crianças, jovens, adultos e idosos. Todos podem desfrutar da capoeira, dança afro, terapia comunitária, ginástica do idoso, música-percussão, reisado, corte costura, produção de sabão, apicultura, biblioteca e computadores com internet, dentre outros.

É possível visualizar na foto 2 a participação dos jovens, realizando uma apresentação na Associação.

Foto 2: Associação Afro Brasileira Quilombo Erê – Grupos de Idosos e jovens



Fonte: <<http://atabaquejacobina.blogspot.com.br>>, 08 de Ago, 2012.

Em visita ao espaço da Associação foi possível perceber que há toda uma estrutura física montada, onde são desenvolvidas várias atividades, como capoeira (Foto 3) para beneficiar não apenas a comunidade do bairro, como toda a sociedade do município que quiser desfrutar do espaço.

Foto 3: Associação Afro Brasileira Quilombo Erê – Grupo de Capoeira



Fonte: <<http://atabaquejacobina.blogspot.com.br>>, 08 de Ago, 2012.

No espaço da Associação também são realizadas reuniões de jovens, eventos de igrejas que muitas vezes é solicitado. Contudo, o coordenador do Quilombo Erê e alguns associados declaram que mesmo oferecendo este espaço, com todas estas atividades, tendo conseguido registrá-lo em cartório e

contar com o reconhecimento de que é uma referência cultural, eles ainda enfrentam preconceitos de algumas pessoas da sociedade Jacobinense.

Ele citou como exemplo a saída do Bloco Afro na micareta de Jacobina no ano de 2010, festa popular, na qual o Quilombo Erê já vinha há alguns anos tentando sair na avenida, e que finalmente em 2010, depois de muitos esforços e sem muito apoio conseguiram participar. O coordenador comenta que mesmo sofrendo resistências e tendo poucos recursos, continuam lutando e organizando da melhor forma possível esse movimento a fim de mostrar a valorização cultural e o direito de ir e vir de todo cidadão para a sociedade da cidade de Jacobina e região.

Dentro deste contexto é possível fazer um paralelo com Souza (2008), onde ela anuncia que aparentemente era mais fácil aceitar a presença de elementos da cultura africana nas manifestações culturais populares brasileiras tomadas em conjunto, do que manter uma convivência de igualdade com os negros e mestiços.

O presidente comentou que as roupas utilizadas pelo Bloco Afro Brasileiro foram produzidas pelas próprias alunas de corte costura que frequentam a Associação, e duas associadas confirmaram e reforçaram ao declarar que as roupas produzidas são características da cultura afro brasileira, que evidencia e conserva desta forma a identidade afro, como pode ser vista na foto 4.

Foto 4: O músico Tonho Matéria usando a roupa produzida na Associação.



Fonte: <<http://atabaquejacobina.blogspot.com.br>>, 01 de Mai, 2013.

Como podemos visualizar na foto 4, Tonho Matéria, cantor e mestre de

capoeira, segundo informações do blog da Associação postadas no dia 29 de maio de 2012, divulgou a bata do Bloco Afro no México. Por conseguinte, durante a entrevista ao Coordenador, o mesmo anunciou que o Bloco Afro Brasileiro é na verdade um protesto cultural de resistência do povo afrodescendente, indígenas e negros que buscam a inclusão social em todos os aspectos socioeconômico e cultural, enfatizando que todos tem o mesmo direito e valores iguais.

O presidente na sua fala comentou que neste primeiro ano que saíram na avenida sofreram muita resistência da população Jacobinense, no ano seguinte, não foi possível participar, então saíram em 2012, onde tiveram uma melhor recepção e participação da sociedade. Levando em conta que saíram na avenida todos os dias, tendo a presença do trio elétrico que foi autorizado por um deputado federal em apenas um dia.

Dentre as conquistas alcançadas, o coordenador falou sobre a 1ª Missa afro que foi realizada em 2007, nas ruínas da Igreja São Miguel das Figuras, localizada no alto da Serra das Figuras, um dos marcos divisórios entre os municípios de Jacobina, Caém, Saúde e Mirangaba/BA como nos mostra a Foto 5.

Foto 5: Ruínas da Igreja São Miguel das Figuras



Fonte: <<http://atabaquejacobina.blogspot.com.br>> 08 de Ago, 2012.

A foto 6 retrata outra conquista, que diz respeito à ida de aproximadamente 20 jovens para Salvador-BA, no dia 19 de dezembro de 2009, onde eles apresentaram na Praça dos Namorados – Pituba, suas manifestações culturais, ou seja, dança afro, capoeira e música-percurção.

Foto 6: Oficina Puravida – grupo de jovens da Associação Quilombo Erê.



Fonte: <<http://atabaquejacobina.blogspot.com.br>>, 08 de Ago, 2012.

Segundo o coordenador da Associação, a comunidade negra e os demais frequentadores entendem este espaço como um lugar de afirmação de identidade, de construção de novos ideais, ou seja, funciona como um espaço onde a liberdade se tornou uma conquista possível para a população negra, tornando-a igualitária, justa, em busca de felicidade.

Atentando para este comentário do coordenador, é plausível fazer uma ligação com a ideia de Montes (1996), aonde ele diz que não é possível pensar na identidade como coisa estática, seja nos indivíduos, nas sociedades e nas culturas. É preciso pensar que assim como a sociedade e a vida social são dinâmicas, a identidade também não é fixa, antes passa por um processo de construção. Para o autor a identidade existe de maneira contextualizada, ou seja, passa por um processo de construção, e implica o reconhecimento da alteridade para a sua afirmação.

O entrevistado comentou que grande parte dos moradores do bairro da Bananeira acredita e desfruta das atividades que ali são desenvolvidas. De acordo com a entrevista semi-estruturada feita com alguns moradores do referido bairro, foi possível perceber o quanto esta Associação de fato proporciona um diferencial na estruturação sócio cultural e identitária desta comunidade.

Como é um espaço que disponibiliza diversos cursos, os moradores entendem que a Associação assume uma grande responsabilidade e influência para o melhor desenvolvimento dos trabalhos sociais que são realizados e disponibilizados para todos os que desejarem participar. A maioria dos entrevistados afirmou que a Associação Quilombo Êre tira as crianças das ruas, ajuda os jovens contra o desemprego através de cursos profissionalizantes, como: telemarketing, enfermagem, dentre outros.

Retratando os tipos de manifestações culturais usados na Associação que conserva a identidade afro, os entrevistados apontaram a capoeira, dança afro, banda de percussão, o bloco afro e a caminhada da consciência negra. A respeito da saída do bloco afro como uma das manifestações culturais reforça a citação de Tavares (2010), que a história do movimento negro se faz também por meio da música, a qual representa a força da identidade negra e desempenha um papel importante na reeducação das relações entre os povos. A musicalidade negra realça e levanta a moral do seu povo e ajuda a valorizar sua cultura étnica.

Inclusive, alguns moradores mencionaram sua satisfação por terem participado da saída do grupo na micareta da cidade, a citar como uma experiência única, que teve a oportunidade de tocar na banda, expressando tamanho contentamento.

Outros falaram que a organização do bloco encontrou dificuldades para conseguir sair na avenida, uma vez que não tiveram apoio da sociedade nem dos órgãos públicos. Um jovem também expos seu pensamento, dizendo que participou da micareta, mas percebeu que havia muita desconfiança das pessoas, todavia conseguiram mostrar que os negros também podem alegrar os brancos, os ricos e os pobres do mesmo jeito.

Outro jovem argumentou que a saída do bloco foi realizada por meio de muita luta, muita garra, dificuldade, mas com união conseguiu superar tudo isso. Houve também alguns entrevistados que não expuseram nenhum tipo de comentário, por não fazerem parte do grupo e não ter interesse.

Ao questionar sobre os maiores desafios da Associação, suas maiores conquistas, e o que a comunidade conseguiu resgatar e preservar da sua ancestralidade, os entrevistados apontaram como maiores desafios os seguintes: ter o reconhecimento da população, conscientizar o povo contra o racismo, conseguir ajuda para manter a Associação Quilombo Êre funcionando, a dança afro ser aceita como uma dança comum nas nossas vidas e conseguir oportunidades para mostrar o trabalho realizado pela Associação.

Quanto às conquistas, eles apontaram o espaço da Associação que conseguiram de volta, o lugar para fazer os instrumentos utilizados na capoeira e a sua produção, os cursos profissionalizantes, a dança afro e o suingue do negro, o orgulho de ser negro, a vontade de expressar a sua raça, a coragem de assumir sua verdadeira cor, (identidade), os movimentos culturais, as roupas de estilo afro, a saída do bloco afro na avenida.

Fazendo um apanhado da opinião dos entrevistados acerca da contribuição da Associação Quilombo Êre no bairro da Bananeira para a comunidade, foi possível perceber que para eles a Associação contribui para o crescimento dos jovens para que sejam filhos excelentes, bons cidadãos, ótimos profissionais e consigam combater o desemprego, serve de auxílio às crianças e os jovens motivando-os a praticar algum esporte, cursos que ali são oferecidos tirando eles das ruas, coopera na formação dos participantes dos cursos para o mercado de trabalho, ajudando desta forma a valorizar o bairro, para que não seja visto com maus olhos e adquira dignidade e respeito. Esta afirmação dos entrevistados confirma o que o coordenador comentou anteriormente acerca da Associação aonde ele diz que os moradores e frequentadores entendem este espaço como um lugar de afirmação de identidade, de construção de novos ideais.

Uma jovem que foi entrevistada comentou que a Associação contribui na formação de novos cidadãos para ajudar as famílias com seus problemas, valoriza os adultos e idosos com os cursos de corte-costura, ginástica e dança.

Finalizando a entrevista, vale pontuar o que o coordenador falou acerca da religião, que tanto católica, evangélica, candomblé e demais que os participantes do Quilombo exercerem, são aceitos, sem exclusão. Ele declara que a Associação Afro Brasileira tem sua própria autonomia.

Em meio às contribuições e relatos dos entrevistados, os quais expuseram valores significativos relacionados à Associação Afro-descendente Quilombo Êre, é possível perceber a produção e organização do espaço geográfico que é realizado por esta Associação, tendo o auxílio da comunidade e das pessoas que desfrutam diretamente das atividades que ali são desenvolvidas. Assim, o espaço é construído através de um conjunto de ações e realizações humanas. Portanto, o espaço da Associação é um reflexo exato desta afirmação, pois ali existe um conjunto de sistemas, objetos, ações que se relacionam em “koinonia”, os quais resgatam valores culturais, fortalece e sustenta suas histórias e traz sentido a sua construção identitária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo-se uma análise geral sobre a relação da construção da identidade afro-brasileira, juntamente com o processo de escravidão e luta dos negros pela sua liberdade, é possível perceber o quanto a vinda deste povo ajudou a construir e enriquecer a identidade cultural e social do Brasil. Não somente isso, mas também auxiliou na configuração e transformação do espaço geográfico ao longo do tempo.

Diante dessas reflexões, é de fundamental importância a compreensão dos diferentes processos de estruturação, reconhecimento do Quilombo Erê, sua interação no espaço urbano, percebendo também a conquista da sua própria identidade.

No decorrer da pesquisa foi possível perceber o quanto o negro luta na sociedade brasileira. É uma constante luta por uma liberdade de ação, de ocupação de território, de transformação do espaço, de serem vistos, reconhecidos e aceitos com suas manifestações culturais, derrubando todo tipo de preconceitos, reconstruindo desta forma a sobrevivência física e cultural dos negros.

A comunidade pesquisada está localizada no bairro da Bananeira em Jacobina-BA, especificamente relacionado ao espaço da Associação do Quilombo Êre, onde foi possível visualizar as questões de âmbito social, cultural e identitário, uma vez que a proposta da Associação é fortalecer as suas raízes, manifestar a sua cultura afrodescendente, vencer os preconceitos que ainda está inserido na sociedade e contribuir para o crescimento de homens e mulheres que acreditam e valorizam a sua raça.

Em meio a todos os enfrentamentos que a Associação Quilombo Erê tem suportado até aqui, é possível perceber que eles têm conseguido galgar e conquistar muitos espaços, seja no âmbito social, cultural, econômico, religioso, etc., construindo sua própria identidade no território.

Portanto, esse resultado está pautado exatamente na coragem, ousadia e determinação de cada participante da Associação, como bem todos os colaboradores que juntamente tem se empenhado e acreditado que é possível

sonhar e lutar pela conquista e concretização do que se almeja alcançar.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. J. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 77, p. 53-61, maio, 1991.

CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania.** São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa e CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed, Rio de Janeiro: DP & A. 2003.

MONTES, Maria Lúcia – **Raça e Diversidade.** Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência: Edusp, 1996. Vários autores.

MUNANGA, Kabengele . **Negritude: Usos e Sentidos,** 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

RATTS, Alecsandro J. P. **Reconhecer quilombos no território brasileiro.** In: REIS, João José; **GOMES,** Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio:** história do quilombo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo: razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Becker. **Território, territórios...** Rio de Janeiro: ed. Lamparina, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território.** 2ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SILVA, André Marcos de Paula e. **História e cultura afro-brasileira.** Curitiba: Expoente 2008.

SOUZA, Marina de Mello. **África e Brasil Africano.** São Paulo: ed. Ática, 2008.

SITES ACESSADOS:

Disponível em:

<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/download/5335/4404>. Acesso em: 22, out. 2012.

TAVARES, Suzana. **Reconhecimento da identidade afro-brasileira**. Artigo. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wpcontent/uploads/2010/11/Reconhecimento-da-identidade-afro-brasileira.pdf>>. Acesso em: 23, out. 2012.

Disponível em:
<http://atabaquejacobina.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html>. Acesso em: 14, Abr. 2013.

Disponível em: <<http://www.brazilsite.com.br/teatro/teat02a.htm>>. Acesso: 14, Abr. 2013.

Disponível em:
<http://atabaquejacobina.blogspot.com.br/2012_05_01_archive.html>. Acesso em: 01, Mai, 2013.

Disponível em: <<http://letras.mus.br/salgueiro-rj/683006/>>
Música: **Samba Enredo – 1960, “Quilombo dos Palmares”** da escola de samba Salgueiro (RJ); Acesso em: 23, out, 2012.

Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/mv-bill/o-preto-em-movimento.html#ixzz2SUAm8OQv>>
Música - **O Preto Em Movimento** – Autor: Bill MV Acesso em: 06, Mai, 2013.

Disponível em: <<http://www.yamana.com/Careers/Carreiras/default.aspx>>
Acesso: 30, Jun, 2013.

Disponível em: **Ata de Fundação da ATABAQUE e Estatuto Social da ATABAQUE**, postado pela Associação Afro Brasileira Quilombo Erê no dia 06 de maio de 2007. <<http://atabaquejacobina.blogspot.com.br/search?updated-min=2007-01-01T00:00:00-03:00&updated-max=2008-01-01T00:00:00-03:00&max-results=2>> Acesso em: 06, jul. 2013.

ANEXOS

Ata da Fundação da ATABAQUE – Como tudo começou...

Ata da Fundação e da Eleição da Diretoria da Associação Afro Brasileira Quilombo Erê ATABAQUE.

Aos seis dias do mês de maio do ano de dois mil e sete às 19 horas e 30 minutos, no Centro Cultural e Esportivo Quilombo Erê, na Rua do Rosário s/n, bairro da Bananeira, reuniu-se o grupo Esperança Jovem, Puravida, Grupo de Capoeira e de Dança Afro, com a finalidade de fundar a Associação ATABAQUE, aprovar o Estatuto Social e eleger a sua primeira Diretoria e o Conselho Fiscal. Os membros presentes escolheram, por aclamação, para presidir os trabalhos o Sr. Jean César Moreira da Silva, e para secretariar a Sra. Edivania Moreira da Silva. Em seguida o coordenador declarou aberta a sessão apresentando os motivos para a fundação da referida associação e a importância de estarmos organizados e termos nossos representantes junto ao poder Público e Civil, dando continuidade aos trabalhos que vem sendo realizados. Foi feito um relato da história da Associação que se originou da união dos grupos Projeto Esperança Jovem, Puravida, Grupo de Dança Afro e Grupo de Capoeira, que promovem um trabalho comunitário e social na comunidade da Bananeira e na região de Jacobina.

O grupo Esperança Jovem originou-se do Grupo de jovens JASC (Jovens amando e Servindo a Cristo) que realizou trabalhos comunitários na comunidade da Bananeira paróquia de São Jose Operário, no período de 1994 a 2004, com objetivo de ajudar jovens na sua formação social, política, educacional e profissional; buscando também ajudar jovens alcoólatras a se libertarem do vício do álcool. A partir da preocupação com a realidade de jovens desempregados, discriminados e excluídos, criou-se um projeto de geração de rendas chamado Projeto Esperança Jovem no ano de 2005 com a finalidade de ajudar os jovens desempregados que estão nas periferias da sociedade e são obrigados a abandonar os estudos e suas famílias em busca de oportunidades em outras cidades e estados. Neste projeto fabricam-se produtos de limpeza, dividindo o dinheiro da venda com os que trabalham. O

espaço para a produção foi cedido pela Oficina Puravida.

O Grupo Puravida vem realizando projetos na área da educação desde o ano de 2003, dando oportunidades para estudantes de bairros periféricos que querem ingressar na universidade, oferecendo um curso pré-vestibular e bolsas de estudo, com apoio de grupos solidários e da paróquia de Golfis da Áustria. Este grupo também criou um projeto na área de cultura e esporte com crianças e adolescentes, o Projeto ERÊ – Educação, Respeito e Esperança para Criança. Foi criado o Puravida Esporte Clube com um time feminino e masculino. Além disso, realiza atividades na área ambiental, por exemplo as Caminhadas Ecológicas, contribuindo para a preservação e valorização do meio.

O Grupo de Dança Afro e de Capoeira que juntamente com a Pastoral Afro vêm desenvolvendo desde 2003 um trabalho que estimula o resgate da auto-estima de crianças, jovens e adultos afro-descendentes, promovendo a valorização da nossa cultura Afro Brasileira através de cursos, oficinas, e eventos, proporcionando oportunidades para ampliar as habilidades culturais e esportivas, despertando seus dons latentes, contribuindo para a saúde mental e física, oferecendo também um espaço onde as crianças, adolescentes e jovens são aceitos como são, crescem junto com o outro, aprendem uma profissão como professor de dança afro e de capoeira, expandindo estas atividade em projetos sociais de atendimentos a crianças e adolescentes carentes e em comunidades do município de Jacobina e circunvizinhas, usando o tempo de forma fecunda no horário oposto ao horário escolar, descobrindo outra perspectiva de vida diminuindo assim o risco de serem submetidos ao trabalho infantil, à criminalidade e o consumo de drogas.

Estes quatro grupos, com a participação do PACA (Programa de atendimento a Crianças e adolescente), Casa de Rebeca, Fazendinha, ACIDES (Associação Comunitária da Irmandade do Espírito Santo), ACABANA (Associação Comunitária e Assistencial do Bairro da Bananeira), ACGB (Associação Comunitária da Grota do Brito) e Comunidades Remanescentes de Quilombos, criaram o "Centro Cultural e Esportivo Quilombo Erê" no antigo prédio da COELBA na Rua do Rosário, s/n, bairro da Bananeira, nesta cidade,

local que foi cedido pela COELBA - Companhia da Eletricidade da Bahia - mediante um contrato de comodato com a ACIDES.

Logo após foi explicado a escolha do nome da associação: afro-brasileira porque o centro da atenção é o trabalho com a população afro descendente do Brasil, mas também incluindo os povos indígenas e todas as comunidades tradicionais; Quilombo por ser uma expressão da resistência e auto-organização dos negros no Brasil; e Erê, porque o significado dessa palavra numa língua africana é "criança", que também faz parte do público alvo da associação.

Como sigla da associação optamos por ATABAQUE, porque, além de conter as letras iniciais do nome, também é um importante instrumento musical nas diversas manifestações culturais afro-brasileiras.

Em seguida o coordenador apresentou o Estatuto Social da associação ATABAQUE já em conformidade com o novo código Civil Brasileiro (Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002), sendo o mesmo lido, explicado e debatido por todos os presentes e aprovado por unanimidade. Dando prosseguimento, o coordenador Jean César Moreira da Silva disse ser necessário proceder-se a eleição da primeira Diretoria e Conselho Fiscal, cujo mandato será de dois anos a contar da presente data. Após um breve intervalo de tempo em que os presentes debateram entre si os nomes dos futuros dirigentes da ATABAQUE, foi apresentado uma chapa única consensual com a seguinte composição: Presidente: Jean César Moreira da Silva, Vice Presidente: Doraci Pereira Silva Santos, secretária: Edna Moreira da Silva, vice-secretária: Maria Madalena de Jesus Maia, Tesoureiro: Markus Breuss, vice –tesoureira: Cristiane Pereira dos Santos e membros do Conselho Fiscal Titular: Joelita, Sr. Delson , Maria Dalva Ramo de Oliveira, Cristina, José Moreira da Silva e João Bosco Alves. Em seguida a eleição foi feita e os candidatos foram eleitos por unanimidade. Não havendo mais nada a tratar, eu Edivânia Moreira da Silva, lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada será por todos os presentes assinada. Jacobina seis de maio de dois mil e sete.

ESTATUTO SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO AFRO BRASILEIRA QUILOMBO ERÊ

CAPÍTULO I

DA DENOMINAÇÃO, SEDE, ÁREA DE ABRANGÊNCIA E FORO

Art.1º – A ASSOCIAÇÃO AFRO BRASILEIRA QUILOMBO ERÊ, também designada pela sigla ATABAQUE fundada em 6 de maio de 2007, é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com prazo indeterminado, sediada na Rua João Batista Gondim 13, bairro da Bananeira, nesta cidade de Jacobina, estado da Bahia e fórum jurídico na comarca de Jacobina, que será regida pelo presente Estatuto e legislação que lhe for aplicável.

Art. 2º. A Associação tem como objetivos:

- a) Promover a valorização da cultura afro-brasileira;
- b) Desenvolver estudos e promover cursos, seminários, palestras, encontros e outras atividades culturais e pedagógicas para a conscientização e emancipação humana e social;
- c) Promover uma prática educativa como elemento emancipador dos negro(a)s e de todo(a)s excluído(a)s buscando dignidade e cidadania para todos;
- d) Fomentar projetos que correspondam com as necessidades básicas e melhoria da qualidade de vida da população afro descendente, especialmente de crianças, adolescentes, idosos e mulheres;
- e) Promover atividades visando o desenvolvimento sustentável das comunidades afro-brasileiros, a geração de renda e a capacitação profissional dos seus membros;
- f) Apoiar grupos ou movimentos que trabalham com comunidades tradicionais, quilombolas e indígenas;
- g) Prestar serviços de interesse cultural, educacional, técnico, econômico e político aos seus associados;
- h) Procurar garantir os direitos dos associados junto ao poder público, principalmente no atendimento das necessidades de educação, saúde, habitação, trabalho, cultura, meio ambiente, transporte e lazer;
- i) Promover e apoiar eventos e manifestações culturais, esportivos, turísticos, recreativos, folclóricos e demais formas de manifestações sociocultural comunitária e ambiental;

- j) Proteger o meio ambiente, preservar os recursos naturais e promover a convivência harmoniosa com a natureza;
- k) Produzir memória histórica através de registros fotográficos, fonográficos, filmográficos e escritos, sobre as manifestações culturais das comunidades remanescentes e criar e manter um arquivo de documentação;
- l) Relacionar-se com órgãos públicos municipais, estaduais, nacionais e internacionais, suas autarquias, empresas, departamentos e instituições, inclusive de outros países, bem como com outras entidades e organizações não governamentais a nível nacional e internacional, objetivando o desenvolvimento econômico, social, educacional, ambiental e cultural.

Parágrafo único – Para alcançar seus objetivos, a associação poderá fazer convênios, contrair empréstimos, promover projetos, adquirir bens e filiar-se a outras entidades privadas, não governamentais nacionais e internacionais, sem perder a sua individualidade e poder de decisão.

Art.3º – No desenvolvimento de suas atividades, a Associação não fará qualquer discriminação de raça, cor, sexo ou religião e política.

Art.4º – A Associação poderá ter um Regimento Interno, que aprovado pela Assembleia Geral, disciplinará o seu funcionamento.

Parágrafo Único – A fim de cumprir suas finalidades, a Associação poderá organizar-se em tantas comissões e unidades de prestação de serviços, quantas se fizerem necessárias, as quais se regerão pelo Regimento Interno.

Art.5º – A Associação terá a sua sede na cidade de Jacobina com a área de abrangência em todo o estado da Bahia, podendo desempenhar atividades também em comunidades tradicionais, quilombolas e indígenas em todo território brasileiro.

CAPÍTULO II

DA ADMISSÃO, DEMISSÃO, ELIMINAÇÃO E EXCLUSÃO.

Art.6º – A Associação é constituída por número ilimitado de associados, que serão admitidos, a juízo da diretoria, dentre pessoas idôneas e que concorde com as disposições deste estatuto.

Art. 7º - Haverá as seguintes categorias de associados:

- I – Fundadores os que assinarem a ata de fundação da Associação;
- II – Beneméritos aqueles aos qual a Assembleia Geral conferir esta distinção, espontaneamente ou por proposta da diretoria, em virtude dos relevantes serviços prestados à Associação;
- III – Honorários aqueles que se fizerem credores dessa homenagem por serviços de notoriedade prestados à Associação, por proposta da diretoria à Assembleia Geral;
- IV – Contribuintes os que pagarem a mensalidade estabelecida pela Diretoria.

CAPÍTULO III

DOS DIREITOS, DEVERES E RESPONSABILIDADES.

Art. 8º – São direitos dos associados quites com suas obrigações sociais.

- I - votar e ser votado para os cargos eletivos;
- II - tomar parte nas assembleias gerais;
- III - participar das atividades promovidas pela Associação;
- IV - gozar das vantagens e benefícios concedidos pela Associação;
- V - consultar todos os livros e documentos da Associação.

Parágrafo único. Os associados beneméritos e honorários não terão direito a voto e nem poderão ser votados.

Art. 9º – São deveres dos associados:

- I – cumprir as disposições estatutárias e regimentais;
- II – acatar as determinações da Diretoria.

Parágrafo único. Havendo justa causa, o associado poderá ser demitido ou excluído da Associação por decisão da diretoria, após o exercício do direito de defesa. Da decisão caberá recurso à Assembleia Geral.

Art. 10 – Os associados da entidade não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelas obrigações e encargos sociais da instituição.

CAPÍTULO IV

DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 11 – A Associação será administrada por:

I – Assembleia Geral;

II – Diretoria; e

III – Conselho Fiscal.

Art. 12 – A Assembleia Geral, órgão soberano da instituição, constituir-se-á dos associados em pleno gozo de seus direitos estatutários.

Art. 13 – Compete à Assembleia Geral:

I – eleger a Diretoria e o Conselho Fiscal;

II – destituir os administradores;

III – apreciar recursos contra decisões da Diretoria;

IV – decidir sobre reformas do estatuto;

V – conceder o título de associado benemérito e honorário por proposta da diretoria;

VI – decidir sobre a conveniência de alienar, transigir, hipotecar ou permutar bens patrimoniais;

VII - decidir sobre a extinção da entidade, nos termos do artigo 33;

VIII – aprovar as contas;

IX – aprovar o regimento interno.

Art. 14 – A Assembleia Geral realizar-se-á, ordinariamente, uma vez por ano para:

I – apreciar o relatório anual da Diretoria;

II – discutir e homologar as contas e o balanço aprovado pelo Conselho Fiscal.

Art. 15 – A Assembleia Geral realizar-se-á, extraordinariamente, quando convocada:

I – pelo presidente da Diretoria;

II – pela Diretoria;

III – pelo Conselho Fiscal;

IV – por requerimento de 1/5 dos associados quites com as obrigações sociais.

Art. 16 – A convocação da Assembleia Geral será feita por meio de edital

afixado na sede da instituição, por circulares ou outros meios convenientes, com antecedência mínima de 10 dias.

Parágrafo único – Qualquer Assembleia instalar-se-á em primeira convocação com a maioria dos associados e, em segunda convocação, com qualquer número, não exigindo a lei quorum especial.

Art. 17 – A Diretoria será constituída por um Presidente, um Vice-Presidente, um Primeiro e um Segundo Secretário e um Primeiro e um Segundo Tesoureiro.

Parágrafo Único – o mandato da diretoria será de 2 anos, vedada mais de uma reeleição consecutiva.

Art. 18 – Compete à Diretoria:

- I – elaborar e executar programa anual de atividades;
- II – elaborar e apresentar, à Assembleia Geral, o relatório anual;
- III – estabelecer o valor da mensalidade para os sócios contribuintes;
- IV – entrosar-se com instituições públicas e privadas para mútua colaboração em atividades de interesse comum;
- V – contratar e demitir funcionários;
- VI – convocar a Assembleia Geral.

Art.19–A Diretoria reunir-se à no mínimo uma vez por mês.

Art. 20 – Compete ao Presidente

- I – representar a Associação ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente;
- II – cumprir e fazer cumprir este Estatuto e o Regimento Interno;
- III – convocar e presidir a Assembleia Geral.

Entrevista – pesquisa de campo

1. Quais os trabalhos sociais desenvolvidos pela Associação?
2. Quais os tipos de manifestações culturais usados na Associação que conserva a identidade afro?
3. Quais os principais conflitos?
4. Quais são os maiores desafios?
5. Quais as maiores conquistas?
6. O que a comunidade conseguiu resgatar e preservar da sua ancestralidade?
7. As atividades desenvolvidas na Associação consegue alcançar quantas pessoas do bairro?
8. Qual o campo de impactação na comunidade da bananeira?
9. Porque a Associação foi criada justamente neste bairro?
10. A missa afro foi realizada em 2007, aconteceu em alguma outra data posterior?
11. Você pode me contar um pouco da história deste bairro?
12. Estrutura urbana, quantas pessoas moram neste bairro...
13. Onde está localizado a Paróquia Gólfis?
14. É administrado por quem?
15. Tem ajuda da prefeitura ou algum órgão público?
16. Como foi a participação do bloco afro na micareta de Jacobina em 2011 e 2012?